

SE ME DEIXAM FALAR

WESLEY SILVA SANTOS CORREIO¹
DJAMIRO FERREIRA ACIPRESTE SOBRINHO²

OBRA: VIEZZER, Moema. **SE ME DEIXAM FALAR**. 5. ed. São Paulo: Símbolo, 1980. 305 p. Tradução de Edimilson Antonio Bizelli.

A América Latina é a região que suas veias sempre estiveram abertas e expostas, Eduardo Galeano é preciso em suas palavras quando discorre como essa região desde a colonização foi violentada, saqueada e posta à disposição do capital estrangeiro, relegando os países latinos ao atraso e miséria.

O livro *Se me deixam falar*, em espanhol *si me permiten hablar*, da Moema Viezzer, relata a história de vida da boliviana Domitila Barrios de Chungara que participou da Tribuna do Ano Internacional da Mulher no México, em 1975. A obra é um relato da dura vivência de Domitila e sua família nas minas de estanho da Bolívia.

É contar a história de um país que passou por diversos golpes, e saqueamentos ao povo que a duras penas enriquecia um sistema que os explorava e, por vezes, os matava. O relato de vida de uma mulher que se forjou entre lutas e resistência.

A parte I se debruça sobre o povo de Domitila que vivia nas minas de estanho, a mina cujo nome era *Siglo XX*, ela era esposa de um mineiro e mãe de sete filhos, que carrega em seu discurso seu localismo, o lugar de onde pertence e as injustiças que lhe foram feitas, a maioria dos habitantes bolivianos eram camponeses, viviam em umas vivendas emprestadas e apenas enquanto trabalhassem para empresa que extraía o estanho, a população era miserável e o ganho era pouco. Os mineiros adentravam no interior da mina logo cedo em condições insalubres, pois faltava ar, tinha muito gás e vez ou outra algum minério falecia em decorrência das explosões ou então falecia do “mal da mina”, doença chamada silicose.

Seus locais de moradia, as vivendas, era apenas um quartinho de quatro a cinco metros em que nela moravam famílias inteiras. Domitila vivia na região do Altiplano em que fazia muito frio e, portanto, necessitava de trajes que suportassem o frio, contudo era raro possuírem esses trajes em razão de seu

¹ Pesquisador Pibic em Estado de Exceção e Constitucionalismo Democrático Latino. Instituição/Afiliação: Universidade Regional do Cariri - Ceará, Brasil. E-mail: wesley.silva@urca.br

² Professor do Curso de Direito da Universidade Regional do Cariri – Ceará, Brasil. Mestre em Sociedade Democrática, Estado e Direito, Universidade de do País Basco EHU/UPV - San Sebastián/Donostia - Espanha. E-mail: djamiro.acipreste@urca.br

preço elevado. Os banheiros eram públicos e usados por todos os trabalhadores, suas esposas e filhos. E as vivendas mesmo sendo pequenas e em condições precárias eram difíceis de serem conseguidos, alguns trabalhadores tinham que morar com outras pessoas.

Não havia trabalho para as mulheres sendo a única renda a do homem. A comida era vendida em um único armazém e era descontado do salário dos mineiros o que fosse comprado. Para ajudar nas despesas do lares Domitila fazia *salteñas*³ e saía vendendo pelo povoado da mina.

A parte II da obra se destina ao relata da vida de Domitila desde o seu nascimento até um pouco após a Tribuna do Ano Internacional da Mulher. Ela nasceu em 7 de maio de 1937 na *siglo XX* e viveu em *Pulacayo* dos três aos vinte anos, seu pai era indígena, dirigente sindical e militante político, sua mãe faleceu deixando ela e mais quatro meninas orfãs e tendo Domitila que cuidar delas. Em 1952 acontece uma Revolução na Bolívia uma conquista popular, contudo entregue na mão de uma pequena burguesia que não representava os interesses do povo. Ela aprendeu a ler e escrever a duras penas em razão das dificuldades enfrentadas pela vida que levava. Seu pai chegou a casar-se outra vez, contudo sua esposa maltratava as irmãs de Domitila e a ela também, além disso seu pai a batia quando estava bêbado tendo ela chegado a dormir na rua para não apanhar e em um desses dia dormindo na rua conheceu seu esposo que era policial em *Pulacayo* e com ela fugiu para a mina *siglo XX*.

Vivendo na *Siglo XX* ela entra para o Comitê das Donas de Casa que era uma organização formada pelas esposas dos mineiros, fundado em 1961, com o objetivo de ajudar a lutar por melhores condições de vida de seus esposos trabalhadores da mina, tendo enfrentado diversos percalços inclusive por parte de seus companheiros.

Em 1964 tona o poder o general Barrientos, ditador que atacou os direitos trabalhistas dos mineiros, prendeu dirigentes, mulheres, trabalhadores. Em 18 de setembro de 1965, aconteceu o Massacre de Setembro em que muitos foram mortos pelo Estado. A *Siglo XX* chegou a ser declarada zona militar, com toque de recolher, e a todo momento acompanhado pelos soldados do governo.

O número de mulheres viúvas e desempregadas sem nenhum sustento era imenso, o que fez com que Domitila as organizasse no comitê das desempregadas e juntas foram pedir trabalho, tendo conseguido o trabalho de pegar as pedras que eram retiradas das minas e catar o minério e levar em bolsas para empresa, as chamaram de *Pallarís* do Morro, pois o amontoado de pedras formava o morro e *pallarís* são aquelas que recolhem minério.

Em 24 de junho de 1967 ocorre um sangrento e terrível massacre, o massacre de São João, em que Domitila foi presa e chegou a perder um filho na prisão por conta da truculência que foi tratada, chegou a ser torturada. A acusaram de ser integrante do movimento da guerrilha de Che Guevara e de

³ Empanada típica boliviana

liderar as mulheres. Ela chegou a ser presa novamente após o acontecimento do São João e mais uma vez foi violentada.

Ela foi exilada para *Los Yungas*, no altiplano, bem diferente da região onde ela vivia. Neste lugar ela pode ver como viviam os camponeses, com ele trocou experiências e pode ler diversos livros que apresentavam as narrativas e disputas sociais. Meses depois ela regressou as minas. E em 1970 ocorre outro golpe, mas o povo protestou e assume o poder o general Torres e todo o sofrimento de Domitila chega ao conhecimento dele que promete alterar a realidade do exército, mas em 1971 outro general com o uso da força derruba Torres e assume o poder e assim iniciou-se outro ciclo de opressões.

Em 1975, Domitila participa da Tribuna do Ano Internacional da Mulher no México em que ela denuncia ao mundo a realidade que vivia a Bolívia, confronta as mulheres que apresentam um feminismo que estava longe de ser emancipatório.

A obra-relato de Domitila Barrios de Chungara é uma denúncia da sua sofrida vida, mas também da exploração do seu povo que vivia em condições deploráveis e longe de qualquer direito humano fundamental. Ela foi forjada na mais dura vida, sendo presa, exilada, perdendo filhos, mas nunca se calando e através do livro sua voz foi ouvida.

A obra é um convite àqueles que não conhecem o cotidiano dos trabalhadores de minas que enriqueceram o mundo a fora, mas que eram a pedra perniciosa para aqueles que extraíam os minérios e viviam as péssimas e precárias condições de trabalho, suscetível a padecerem em explosões ou doença que os tornavam incapazes. Sem deixar de citar os sucessivos regimes ditatoriais e de golpes que usavam da força para silenciar Domitila e desorganizar os movimentos de trabalhadores.

Assim como os livros de Carolina Maria de Jesus, é como um diário o percurso de vida de uma boliviana que aprendeu sobre as relações capital-trabalho, explorador-explorado, imperialismo, correlação de forças, organização coletiva e luta por uma nova realidade, uma nova Bolívia, que respeitasse as diferenças, em que o poder estivesse de fato nas mãos do povo.

A forma que a Bolívia é apresentada é a forma mais viva e cruel da realidade de povos que são vilipendiados desde o período colonial e que a independência rompe apenas com o sistema colonial, mas não com a colonialidade, que na sua arena política coloca o povo fora. Uma característica presente em quase toda a América Latina, exploração, conforme Galeano (p.5, 1970) “É a América Latina, a região das veias abertas. Desde o descobrimento até nossos dias, tudo se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal tem-se acumulado e se acumula até hoje nos distantes centros de poder.”

Não se pode deixar de citar o movimento cocalero que levou a ascensão de Evo Morales ao poder, uma das principais vozes do movimento. A organização dos mineiros repercutiu de forma positiva na organização do que mais tarde se chamaria o movimento dos cocaleiros frente ao Estado que à época

vilipendiava os camponeses em razão da pressão dos Estados Unidos da América, para que erradicassem a produção da coca. Na precisão de (Šárka Malá, p.106, 2008):

En los años 80's, luego del desarrollo del conflicto con el Estado, los sindicatos 'cocaleros' se convierte progresivamente en un actor muy influyente sobre la escena sindical nacional. A partir de la defensa de su producción, ellos se perfilan rápidamente como un movimiento de oposición con una capacidad de influencia importante. Según José A. Arrueta, su lucha contra el plan de erradicación de la coca les diferencia del resto de luchas del movimiento campesino, llegando a ser denominados por el propio Estado durante los años 80's como movimiento 'cocalero', para diferenciarlos de otras organizaciones sociales.

Como denunciado por Domitila, o projeto do governo jamais foi de proteger e enriquecer o país e de promover o bem-viver, mas vivia/vive sob a sombra de um imperialismo que apenas muda o método, como foi o caso dos colaleros que estavam sendo obrigado a deixarem de cultivar um produto que além de lhes trazer rendimento, era uma planta ancestral e que está presente nos povos tradicionais.

Seja no Brasil com Carolina, seja na Bolívia com Domitila o ponto é o mesmo, a semelhança de ultrajes aos povos, que passam fome, que vivem distantes dos direitos humanos, que são refugos do capital.

REFERÊNCIAS

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. Tradução de Galeano de Freitas

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

MALÁ, Šárka. El movimiento: sus causas y su desarrollo. **Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Ufsc**, [S.L.], v. 15, n. 20, p. 101-117, 16 abr. 2008. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/2175-7976.2008v15n20p101>>.

VIEZZER, Moema. **SE ME DEIXAM FALAR**. 5. ed. São Paulo: Símbolo, 1980. 305 p. Tradução de Edimilson Antonio Bizelli.